Microcânticos

Augusto La Fere

Ars Verbi

MICROCÂNTICOS

AUGUSTO LA FERE

MICROCÂNTICOS

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

Microcânticos
© 2026 Augusto La Fere
ISNI 0000 0005 3055 2890
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-988753-4-3

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor;
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/
https://arsverbi.com.br

Dedicatória

A quem ainda recolhe pedras do caminho.

E às mãos que sabem quando deixá-las.

"A pedra não sabe o que conserva.
A mão também não."

Prólogo

Antes do passo, pó fica acordado,
risco antigo dorme abandonado.
A mão demora no chão,
o olho recolhe o grão.
Do risco, o mundo nasce deslocado.

Pedra

Repousa a pedra à margem do caminho,
molhada e áspera junto ao espinho.
Musgo cobre todo o chão,
uma aresta corta a mão.
Quem passa deixa a pedra sem vizinho.

Cinza

No fundo do braseiro, a cinza inteira
repousa leve, quase passageira.
Um sopro a levanta ao ar,
outro a obriga a pousar.
Na mão, o fogo morto faz fogueira.

Brasa

Sob a fuligem, um rubor oculto,
parece frio, mineral, sepulto.
O sopro acende o carvão,
a noite cabe na mão.
Quase morto projeta ainda vulto.

Estilhaço

No chão, o vidro assume outra figura,
cada lasca devolve a luz mais dura.
Na palma, grava ferida,
no olho, altera a medida.
Partido, o cristal inventa fissura.

Raiz

Por baixo do que vemos, corre escura
a raiz, procurando terra dura.
Encontra pedra no chão,
avança na escuridão.
Crescer é aprofundar a sepultura.

Ferro

Martelo contra ferro, compassado,
faz rubro o gume ainda inacabado.
Fogo vivo abre o metal,
a água lhe impõe o final.
No fio permanece o golpe dado.

Sal

Na mesa, o sal se mostra transparente,
estala sob o dente, indiferente.
Na língua perde o lugar,
na água aprende a faltar.
Dissolvido, o sal torna-se presente.

Fóssil

Calcário guarda um osso sem idade,
sem carne, sem calor, sem gravidade.
A pedra aprende a contar,
o tempo esquece de andar.
Milênios cabem numa cavidade.

Carvão

Negro na palma, o carvão deixa um risco,
suja o papel num súbito rabisco.
Antes da letra chegar,
a mão começa a marcar.
Toda escrita começa por um cisco.

Passo

Um pé alcança a pedra da calçada,
e o outro pé procura a madrugada.
Poeira sobe do chão,
corpo arrisca direção.
O mundo cresce depois da passada.

Pulso

Dois dedos recolhem rumor contido,
responde em intervalo repetido.
O dedo escuta o lugar,
o sangue insiste em pulsar.
O tempo se contrai num só batido.

Grito

Rasga a garganta antes de ganhar rua,
bate no muro e volta à boca nua.
Vidraças chegam a tremer,
um cão começa a correr.
Depois do grito, a rua não é sua.

Limiar

Um pé no quarto, outro pisa o terreiro,
a porta range ao corpo passageiro.
A sola hesita em passar,
o ombro precisa girar.
Ninguém atravessa e retorna inteiro.

Corpo

Curva-se o dorso sob um peso alheio,
o braço prende a carga contra o seio.
O joelho perde o passo,
pele corrige o espaço.
Um corpo estranho pulsa em cada veio.

Mão

A mão passeia devagar na mesa,
descobre cada risco por surpresa.
Papel devolve um sinal,
no dedo reluz o anel.
Tudo o que toca deixa a pele acesa.

Sangue

Do dedo cai a gota e abre espaço,
no branco, um continente sem compasso.
Na trama, muda de cor,
no pano, perde o calor.
Fora da veia, o sangue vira traço.

Respiração

No vidro frio, o sopro deixa um traço,
o peito se abre e fecha no compasso.
Condensa-se algum calor,
o ar devolve seu vapor.
Viver abre ao vazio algum espaço.

Tremor

Primeiro vibra o copo sobre a mesa,
depois a mão desaprende a firmeza.
Parede sai do lugar,
chão parece respirar.
Num instante, o quarto perde a certeza.

Porta

Madeira escura fecha o corredor,
mas sob a folha escapa algum claror.
Chave gira no metal,
a sombra cresce no umbral.
Ao girar, muda-se o interior.

Muro

Ergue-se o muro rente sobre o chão,
e corta o campo em duas pela mão.
A palma toca a barreira,
o olhar busca outra beira.
Só a sombra inventa sua contramão.

Ponte

A ponte balança sobre a corrente,
e o vento chega fresco do poente.
Os passos desprendem o ar,
as tábuas voltam a dançar.
No meio da ponte, chão fica ausente.

Vão

Da velha parede até a janela,
a tarde abre uma passagem amarela.
Poeira dança no chão,
cada grão cruza o clarão.
No vão, até o vazio se revela.

Poço

Pedra úmida desce em círculo estreito,
limo escurece a borda e o defeito.
Moeda rompe o clarão,
e o eco devolve o chão.
Do fundo, um olhar inventa o sujeito.

Ruína

Resta uma parede sem telhado,
outra termina no quarto quebrado.
Capim já rompe os tijolos,
chuva lava velhos solos.
A casa cresce em torno do arrancado.

Caverna

A entrada estreita engole o sol primeiro,
a pedra esfria o ombro do estrangeiro.
Um passo desperta um som,
na volta se altera o tom.
No escuro, a voz perde o paradeiro.

Quarto

A cama junto à parede manchada,
a cadeira encara a porta fechada.
No vidro, a tarde encolhe,
o escuro tudo recolhe.
No quarto, a ausência fica sentada.

Horizonte

Quanto mais perto, mais distante fica,
uma linha ao longe se multiplica.
Cada passo gasta o chão,
muda a própria posição.
No olhar, a distância se fabrica.

Ausência

Sobre a mesa, um prato encara o vazio,
na xícara, o café descende ao frio.
Corredor perde o rumor,
janela guarda o vapor.
Na cadeira, o dia aprende desvio.

Fratura

Sob a pele, o osso perde o traçado,
e o membro se recolhe, deformado.
O inchaço toma o lugar,
a dor ensina a dobrar.
O corpo inteiro vigia o quebrado.

Cicatriz

Na pele, a linha esquece a ferida,
mas guarda uma dobra desconhecida.
O dedo encontra o sinal,
a unha tropeça no igual.
Na marca, o corte perde a própria vida.

Eco

A palavra percorre o corredor,
na pedra bate e volta sem vigor.
Volta menor ao lugar,
já não consegue imitar.
Toda voz que retorna troca autor.

Cansaço

Corredor cresce além de cada passo,
cadeira recua, alarga o espaço.
A porta pesa na mão,
o olho perde a visão.
Um metro no corpo inteiro é cansaço.

Brecha

Entre os tijolos, uma linha escura
aprende devagar a ser fissura.
Por ela passa o clarão,
por ela respira o chão.
O muro permanece sem clausura.

Encerramento

A chave gira, a sala fica escura,
na mesa, o pó começa outra escritura.
O relógio quer bater,
papéis recusam ceder.
O fim deixa trabalho à fechadura.

Escuta

Chuva miúda escreve no telhado,
um cano responde do outro lado.
O ruído ganha tom,
a distância dobra o som.
O ouvido desenha um quarto lacrado.

Paciência

Na pia, uma gota desaparece,
a próxima demora e enfim desce.
O ponteiro corta o chão,
a sombra fecha a visão.
Na espera, até o mundo envelhece.

Luz

Manhã de luz atravessa a cortina,
na mesa, pousa uma lâmina fina.
No vidro desperta a cor,
copo devolve calor.
A sombra perde o nome na retina.

Chama

A chama dobra o ar sobre a madeira,
na parede, a sombra é só passageira.
A brasa rompe o carvão,
o calor alcança a mão.
No fogo, a forma acaba em fogueira.

Selo

Na cera, o ferro grava a impressão,
o desenho afunda, vira inscrição.
Fria, a cera endurece,
o gesto desaparece.
Some o gesto, permanece o brasão.

Inscrição

Na pedra, a lâmina abre uma ferida,
o sulco guarda matéria contida.
O pó desce para o chão,
a letra vence a abrasão.
Ferida vira enfim uma medida.

Palavra

Chega tarde a palavra à própria forma,
noutra boca, o sentido se deforma.
A língua escolhe o lugar,
voz se altera ao nomear.
Um nome transforma aquilo que informa.

Verso

Uma palavra inclina-se à medida,
outra tropeça e muda-lhe a saída.
A pausa desloca o som,
a rima entorta o tom.
O verso faz da língua uma ferida.

Confissão

A voz retém a própria confissão,
na boca aumenta inteira a pressão.
O rosto já perde a cor,
a fala entrega o calor.
Depois de dita, a culpa muda o chão.

Epitáfio

Na pedra fica um nome recortado,
a data guarda um tempo já fechado.
A chuva desmancha a cor,
o musgo cerca o redor.
Quem lê encontra um morto deslocado.

Fecho

A última palavra cai inteira,
sobre a página branca derradeira.
A mão abandona o papel,
fecha-se o livro, fiel.
E a pedra lê a página primeira.

Epílogo

A página repousa já virada,
a pedra permanece abandonada.
A mão perdeu seu calor,
caminho guarda o rumor.
No escuro, a leitura segue acordada.

Nota do Autor

Os poemas deste volume adotam uma forma fixa de cinco versos a que chamo **microcântico** — estrutura derivada do limerick anglófono, mas profundamente adaptada à prosódia da língua portuguesa.

No modelo original, o limerick organiza-se em esquema de rimas AABBA e cadência acentual de base anapéstica, tradicionalmente associada ao humor, ao absurdo e ao jogo verbal. Sua transposição direta para o português, porém, esbarra em uma diferença prosódica fundamental: enquanto a versificação inglesa orienta-se sobretudo pelos acentos e pela composição dos pés métricos, a tradição poética em língua portuguesa opera com a contagem de sílabas poéticas e com a distribuição interna das tônicas.

O *microcântico* nasce justamente dessa mudança de sistema.

Sua estrutura é fixa:
— Versos 1, 2 e 5: decassílabos, preferencialmente de cadência heroica ou sáfica;
— Versos 3 e 4: redondilhas maiores;
— Esquema de rimas: AABBA.

A principal transformação, porém, dá-se no quinto verso. No limerick, ele costuma concentrar o desfecho da composição, muitas vezes sob a forma de surpresa cômica ou absurda. No *microcântico*, esse verso assume a função de selo: recolhe o movimento dos quatro anteriores e o conclui por condensação, deslocamento ou transfiguração.

A forma preserva, assim, a assimetria entre versos longos e curtos e o desenho rimático de sua matriz, mas os reorganiza segundo a prosódia portuguesa e segundo outra função poética. Cada composição constitui uma unidade autônoma de cinco versos — e é nesse selo final que o *microcântico* se distingue, em essência, de seu modelo inglês.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se "*e agora?*", "*Buscando a Borges*", "*Cinco Formas*", "*Ashes of Bronze*" e a obra filosófica "*Ontologia dos Restos*". Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, fonte tipográfica de código aberto desenvolvida por Georg Duffner, inspirada nos tipos de Claude Garamont e Robert Granjon, conforme o espécime Egenolff-Berner, publicado por Conrad Berner em 1592. A fonte é distribuída sob a SIL Open Font License 1.1.

Sua escolha acompanha a arquitetura formal de *Microcânticos* pelo equilíbrio entre clareza, contenção e espessura histórica. Seu desenho clássico favorece a leitura de composições breves e rigorosamente estruturadas, preservando a nitidez do verso e a gravitação interna de cada peça. A regularidade tipográfica sustenta a concisão da forma e permite que cada conjunto de cinco versos se apresente como unidade autônoma e integral.

Edição digital finalizada por *Ars Verbi*™, em Lapa, Paraná, Brasil, em agosto de 2026.

9 786598 875343
ISBN 978-65-988753 4-3

Ars Verbi